

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE DESPORTOS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**A LEITURA TÉCNICO-TÁTICA DO FUTEBOL:  
PONTOS DE VISTA DOS TÉCNICOS**

**CARLOS EDUARDO PATRÍCIO**

**Florianópolis – SC**

**2007**

**A LEITURA TÉCNICO-TÁTICA DO FUTEBOL:  
PONTOS DE VISTA DOS TÉCNICOS**

por

CARLOS EDUARDO PATRÍCIO

---

Monografia apresentada ao  
Curso de Graduação em Educação Física  
da Universidade Federal de Santa Catarina  
como requisito parcial à obtenção do título de  
Licenciatura em Educação Física

Florianópolis, Fevereiro de 2007

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**CENTRO DE DESPORTOS**  
**COORDENADORIA DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**A LEITURA TÉCNICO-TÁTICA DO FUTEBOL:**  
**PONTOS DE VISTA DOS TÉCNICOS**

Elaborada por: Carlos Eduardo Patrício

E aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pela Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de:

**LICENCIADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Florianópolis, 08 de Fevereiro de 2007

Banca Examinadora:

---

Prof. Carlos Luiz Cardoso (Orientador e Membro CDS/UFSC)

---

Prof. João Carlos Amarante (Membro CDS/UFSC)

---

Ms. Osvaldo André Furlaneto Rodrigues (Membro CDS/UFSC)

## **AGRADECIMENTOS**

Aos amigos da República Vermelha (Erégis, Gabisa, Jofre, Matéia, Vitoso, Kaká, Ceará, Tinho, Merdo, Chicória) pelos anos de acolhimento e carinho, aos jogadores da equipe universitária de futebol pela amizade e momentos em que vivemos juntos, aos professores pela dedicação em contribuir na minha formação, em especial ao professor Cardoso, aos profissionais dos clubes pela participação nesse estudo, ao grande amigo professor Amarildo Melo (técnico do SERC Guarani- Juvenil), aos meus colegas de turma e de curso, em especial a Melissa Lazarin, Bruno Piacentini, Diogo V. Moura, etc., a minha Mãe (sem palavras), ao irmão Gabriel Bussinger e a Deus por permitir a passagem dessas pessoas em minha vida.

## **RESUMO**

### **A LEITURA TÉCNICO-TÁTICA DO FUTEBOL: PONTOS DE VISTA DOS TÉCNICOS**

No futebol atual, a figura do técnico passou a ser um fator fundamental na definição das partidas. Para tanto, o mesmo precisa de uma grande capacidade de observação e interpretação (hermenêutica) das situações de jogo. Deste modo, conhecer a forma e a maneira como os técnicos realizam a leitura técnico-tática do jogo, é o que pretende esse estudo. Assim, essa pesquisa é de caráter descritivo-exploratório e a amostra foi composta por técnicos de futebol das categorias de base dos clubes profissionais da região da grande Florianópolis. Para a coleta de dados, utilizamos um questionário composto por quatro perguntas abertas. Considerando cada vertente de investigação, obtivemos como resultados:

- Sistema tático (de jogo): é definido, primordialmente, de acordo com as características dos jogadores;
- Leitura técnico-tática do jogo: apontam à necessidade de identificar o sistema de jogo, neutralizar os pontos fortes e principais jogadas, além de explorar os pontos fracos do adversário;
- Formação técnico-tática dos jogadores: julgam como elementos fundamentais na formação: o conhecimento tático, a capacidade técnica e, a versatilidade dos jogadores;
- Forma de trabalho: ressaltam a importância de se treinar situações de jogo além de treinos específicos de acordo com as posições dos jogadores.

Palavras-chaves: Leitura técnico-tática, sistema tático (de jogo) e trabalho tático;

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE ANEXOS</b> .....	i
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	2
<b>PROBLEMA</b> .....	2
<b>JUSTIFICATIVA</b> .....	4
<b>OBJETIVOS DO ESTUDO</b> .....	5
Objetivo Geral.....	5
Objetivos Específicos.....	5
<b>REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	6
<b>1. As transformações técnico-táticas do futebol</b> .....	6
1.1 A lei do impedimento.....	6
1.2 Conseqüências das alterações na lei do impedimento.....	7
<b>2 A evolução dos sistemas táticos no Brasil</b> .....	9
<b>3 O técnico de futebol no Brasil</b> .....	12
<b>4 A leitura técnico-tática do jogo</b> .....	14
<b>5 A formação técnico-tática do futebolista</b> .....	17
<b>METODOLOGIA</b> .....	21
<b>Caracterização da Pesquisa</b> .....	21
<b>População</b> .....	21
<b>Participantes da pesquisa (amostra)</b> .....	21
<b>Instrumento de coleta de dados e informações</b> .....	21
<b>Procedimento</b> .....	22
<b>Análise dos dados</b> .....	22
<b>Limitações do estudo</b> .....	22
<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	23

<b>Sobre a hermenêutica.....</b>	<b>32</b>
<b>Considerações sobre a hermenêutica no futebol.....</b>	<b>33</b>
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>34</b>
<b>Outras considerações.....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>

## LISTAS DE ANEXOS

	Página
ANEXO I – Relação dos clubes contatados	39
ANEXO II – Questionário aplicado na pesquisa	41



## INTRODUÇÃO

### PROBLEMA

O futebol passou por uma série de transformações significativas que alteraram a forma da sua prática, apresentando atualmente um alto nível de competitividade. Deste modo, todos os componentes do treinamento esportivo, seja no campo físico, no técnico, no tático, no psicológico ou no administrativo, etc., passaram a dispor de um tratamento especializado, recebendo a atenção de profissionais qualificados para tal. Sendo assim, os detalhes na preparação dos jogadores e das equipes, somados a complexos fatores que interferem no resultado final de uma partida, bem como os fenômenos associados a esse esporte, têm sido objeto de estudos das mais diversas áreas.

Dos vários tipos de preparação para o futebol, talvez seja a parte da preparação física a que mais tenha evoluído, justamente por ter sido a mais pesquisada e estudada. Na preparação técnica, apresenta-se um crescente número de estudos, a maioria destes apontando para os aspectos pedagógicos do ensino do desporto. A parte tática do futebol, embora sendo considerada como essencial para compreendermos o funcionamento real do jogo, parece ser a parte mais carente de estudos.

Mesmo diante desse cenário de transformações, o futebol brasileiro, apresenta o grave problema de ser conservador. Para Gil (1994, p. 102), “duas frases enraizadas em nosso senso comum esportivo demonstram o tipo de concepção do futebol e do brasileiro: ‘craque já nasce feito’ e ‘futebol não se aprende na escola’”. Assim, algumas transformações ocorridas no mundo futebolístico ainda encontram muita resistência em serem incorporadas ao futebol brasileiro.

Nesse contexto, a figura do técnico sempre foi muito questionada, pois se acredita que a técnica individual do jogador brasileiro supera os recursos utilizados nas demais escolas futebolísticas. Entretanto, as inovações apresentadas ao futebol demonstraram a necessidade do futebol brasileiro se modernizar e acompanhar o avanço de outras escolas, principalmente na parte da preparação física e tática, para assim, se diferenciar pela qualidade técnica de seus jogadores.

Deste modo, se antes o técnico era peça considerada de pouco valor na construção do resultado, atualmente este passou a ser também um fator fundamental na definição das partidas. Para Drubscky (2003, p. 273), “o técnico exerce papel importante na interpretação e interferência dos fatos”. Para isto, ele precisa também estar baseado em conhecimentos teóricos, científicos e em boas observações. Gil (1994, p. 106) faz referência ao novo perfil de treinador, quando diz que “foi requerida uma dose de intelectualidade de futuros pretendentes ao cargo de treinador”.

Conhecer a forma e a maneira com que os técnicos realizam a leitura<sup>1</sup> técnico-tática do jogo, apurando os critérios considerados por estes para orientarem o planejamento do trabalho e conduzirem suas equipes durante as partidas é o que pretende esse estudo.

---

<sup>1</sup> Leitura - termo em voga no futebol, refere-se a “interpretação” do jogo.

## JUSTIFICATIVA

O componente técnico-tático é uma das variáveis mais importantes a serem considerados na leitura de uma partida. Para tanto, o futebol apresenta uma série dessas circunstâncias que exigem do técnico a sensibilidade de identificá-las e interpretá-las corretamente para deste modo, ajustar sua equipe de forma precisa à dinâmica do jogo ou para orientar a preparação da mesma para as partidas.

Este trabalho pretende ser uma contribuição para profissionais e demais interessados no assunto, se justificando pela pouca literatura produzida sobre o presente tema e, também por pesquisar uma categoria profissional que tem as suas decisões tão questionadas durante os jogos.

A realização desse estudo deve-se em grande parte ao interesse pelo futebol, ao trabalho desenvolvido junto à equipe universitária de futebol<sup>2</sup>, na escolinha do Avaí Futebol Clube<sup>3</sup>, nas categorias de base do SERC Guarani<sup>4</sup> e nas pesquisas realizadas junto ao GECUPOM<sup>5</sup>.

---

<sup>2</sup> Auxiliar Técnico da Equipe Universitária de Futebol de Campo, desde Nov. 2003.

<sup>3</sup> Professor Escolinha do Avaí Futebol Clube, desde Outubro de 2006.

<sup>4</sup> Preparador Físico das categorias de base SERC Guarani, desde Junho de 2006.

<sup>5</sup> GECUPOM – Grupo de Estudos da Cultura Popular de Movimento/Futebol UFSC.

## **OBJETIVOS DO ESTUDO**

### **OBJETIVO GERAL**

- Analisar a forma e a maneira com que os técnicos de futebol realizam a leitura técnico-tática do jogo e orientam o planejamento do trabalho em função desses componentes.

### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Verificar os critérios usados pelos técnicos para a escolha do sistema tático da equipe;
- Avaliar os parâmetros considerados pelos técnicos para realizar a leitura técnico-tática dos jogos;
- Analisar que elementos os técnicos consideram fundamentais na formação técnico-tática dos seus jogadores;
- Verificar como os técnicos planejam o trabalho<sup>6</sup> em função dos componentes técnico-táticos do jogo;

---

<sup>6</sup> Trabalho – que se entenda por “trabalho” tudo que envolve o treinamento de campo e o comando do grupo, conduzidos pela competência do técnico.

## REVISÃO DE LITERATURA

### 1. As transformações técnico-táticas do futebol

Segundo Arroyo (1997, p. 22), “muitos jogos têm sido inventados pelos homens, ao estabelecer as leis ou regras que se devem seguir para ganhar. Porém, nada estabelecia o que os futebolistas deviam seguir para ganhar a partida”. Sendo assim, as regras foram sendo elaboradas a partir da experiência e, deste modo, foram sendo incorporadas ao jogo.

Das regras incorporadas ao futebol, a Lei do Impedimento deu um significado especial à sua prática, exigindo das equipes ações organizadas para o desenvolvimento do jogo. Para Duarte (1997, p. 53), “a Lei do impedimento torna o futebol mais empolgante por exigir inteligência dos seus praticantes e significar um desafio ao movimento tático das equipes”.

Deste modo, consideramos fundamental para a compreensão das transformações técnico-táticas ocorridas no futebol, uma análise da lei do impedimento, bem com suas alterações e respectivas conseqüências para a prática desse esporte.

#### 1.1 A lei do impedimento

Desde a sua criação, o futebol sofreu importantes e necessárias modificações com o objetivo de dar mais dinâmica ao jogo, produzir mais tempo de bola rolando e, naturalmente, mais gols.

Entretanto, essa regra sofreu várias transformações até se apresentar da forma atual. Copiada e adaptada do rúgbi, em 1863, a princípio considerava-se impedido o jogador que se posicionasse à frente da bola. Sete anos mais tarde, ficou estabelecido que não estaria impedido o jogador que tivesse entre ele e a linha de fundo contrária, pelo menos três adversários. Em 1880, determinou-se que o jogador que recebesse a bola provinda do tiro de meta não estaria impedido. Em 1881, houve outra alteração, o jogador que recebesse a bola de uma cobrança de escanteio também não estaria impedido, novidade esta totalmente

aceita somente a partir de 1907. Ainda em 1881 ocorreu uma outra importante inovação, não estaria considerado impedido o jogador que recebesse a bola na sua própria metade de campo. Em 1913, passou-se a não considerar impedido o jogador que recebesse a bola de um arremesso lateral. Em 1925, foi realizada mais uma importante alteração, foi reduzido de três para dois o número de jogadores adversários que deveriam estar entre o atacante e a linha de fundo, para que não houvesse impedimento na jogada. Finalmente, em 1990, mais uma pequena alteração, não está mais impedido o jogador que estiver na mesma linha que o penúltimo adversário ou os dois últimos adversários.

É importante ressaltar que, durante muito tempo aceitou-se que a bola ao ser passada de um atacante para outro e durante o trajeto fosse tocada por um defensor eliminaria o impedimento. Entretanto, no sistema atual, o impedimento será sempre caracterizado no momento do lançamento da bola à frente, no sentido de meta a meta, feito pela equipe atacante. Duarte (1997, p. 57) sugere como “a melhor forma didática para assimilarmos o melhor conteúdo da regra está na equação: Impedimento = posição + participação”.

## 1.2 Conseqüências das alterações na lei do impedimento

Arroyo (1997) divide a história do futebol em três épocas: a antiga, que termina em 1863, a média iniciada nesse e terminada em 1925, e a moderna que nos encontramos. Giulianotti (2002) refere-se ao período atual como sendo o período pós-moderno, iniciado no final da década de 1980, obtendo um tratamento científico, utilizando-se de previsões científicas no treinamento e gerenciamento das equipes.

Antes de 1863, o futebol era jogado de forma primitiva e consistia em um aglomerado de jogadores buscando pegar a bola e progressivamente tentando ultrapassar uma delimitação feita de três paus. Arroyo (1997, p. 23) acrescenta que, antes do estabelecimento dessa regra, “os jogadores estavam desorientados e não sabiam se colocar. O mesmo acontecia com os treinadores”. Nesta época prevalecia o individualismo. Porém, a regra imposta em 1863 determinou uma nova estrutura e sistematização do futebol, estabelecendo o sistema de marcação zonal. Esta regra surgiu com uma finalidade tática:

orientar o posicionamento dos jogadores em campo. Assim, a primeira alteração nessa regra em 1870, sugeria um cuidado adicional com um outro adversário que poderia estar adiantado, porém, em condições de receber a bola. Deste modo, começou a ser possível ordenar a defesa, bem como o ataque, que passa a ser jogado de forma mais coletiva.

Entretanto, de modo intencional, as equipes posicionavam sua marcação bem avançada, deixando o adversário sem condições de receber a bola, adiantado e em posição ilegal. Com isso, em 1925, uma alteração na regra veio a corrigir esses abusos provocados no jogo. Passou-se para dois oponentes entre a bola e a linha de fundo, para não se estar em impedimento. Assim, surgiu a necessidade das equipes fortalecerem seu sistema defensivo, já que a superioridade numérica do ataque sobre a defesa passou a ser uma constante nos jogos. A partir dessa lógica de jogo, as equipes passaram a planejar as disputas de suas partidas, procurando formas de superar o adversário, a partir dessa nova forma de jogar.

Chapman, preparador do Arsenal de Londres, teve a idéia de tirar um atacante e acrescentar mais um jogador para reforçar a defesa, estabelecendo assim, a marcação homem a homem, que de acordo com Arroyo (1997, p. 19) seria o “único sistema de defesa que poderia se utilizar com a regra de 1925”.

A esse sistema chamou-se “WM”, que era uma disposição zonal em que os jogadores se mantinham na mesma posição durante toda a partida. Nesse sistema também coincidiam as partes defensivas e ofensivas das equipes. Arroyo (1997) esclarece que este sistema se constituía de cinco atacantes e cinco defensores, sendo dois atacantes mais recuados e dois defensores mais adiantados, disposição que no campo de jogo, formava as letras “W” e “M”. Drubsky (2003) aponta o WM como sendo o marco dos sistemas de jogo. A partir desse, outros foram sendo criados mais tarde, o “4-2-4”, o “4-3-3”, o “4-4-2” e o “3-5-2”, são exemplos.

## 2. A evolução dos sistemas táticos no Brasil

Desde a sua chegada no Brasil e posterior profissionalização, o futebol sofreu várias transformações na sua prática. De acordo com Mendes (1979, p. 23) “o futebol brasileiro começou sem tática”. Entretanto, o autor acrescenta que “até no tempo dos dois beques, dos três médios e dos cinco atacantes, procurava-se marcar os adversários”. (p. 29).

Quando ainda não tínhamos implantado táticas no futebol brasileiro, poucas vezes conseguimos superar os argentinos e os uruguaios. Neste tempo, começou-se a falar muito em sistema no Brasil, que ainda jogava no “2-3-5”, sistema já ultrapassado após a alteração na regra de 1925. Assim, no final dos anos 30, Dori Kruschner, técnico húngaro que veio para o Flamengo, e depois passou pelo Botafogo, trouxe a idéia do sistema europeu de marcação. Segundo Mendes (1977, p. 31) “começou a fase mais aguda da evolução tática do futebol brasileiro”.

Na Europa o sistema em voga nessa época era o “WM”, idealizado por Chapman, porém, segundo Mendes (1977, p. 45) “na América do Sul não se quis adotar a colocação da defesa usada na Europa. Admitiu-se somente a mesma formação da linha dianteira”. Deste modo, o quinteto dianteiro jogava em “M”. Entretanto, na defesa se via um “w” minúsculo. Assim, esse sistema era composto de dois beques, três médios e cinco dianteiros. Segundo Mendes (1977, p. 47), “na Copa do Mundo de 1938 a seleção brasileira enfrentou os times europeus que aplicavam o “WM” [...] o “W” defensivo cabia como uma luva diante do “M” ofensivo...Mas o “w” minúsculo da defesa do Brasil tinha problema diante do “W” ofensivo europeu. Na extrema linha defensiva da equipe brasileira ficavam apenas dois beques para três avançados do adversário”.

No final da década de 40, começou a se utilizar a linha de quatro beques. Embora a seleção brasileira já tivesse utilizado na Copa do Mundo de 1950, o “WM”, o Vasco, nesse mesmo ano, começou a utilizar a formação com um quarto zagueiro. Esse sistema surgiu com o recuo de um jogador, que passou a se posicionar entre o zagueiro central e o lateral esquerdo.

Essa formação com quatro zagueiros ganhou a simpatia dos técnicos e, no início dos anos 50, começou a aparecer formações com quatro defensores e quatro atacantes. Assim, o



“4-2-4” tomava forma e segundo Mendes (1977), começou a ser aplicado em Minas Gerais, no Vila Nova, com Martin Francisco como técnico, e a partir de 1953 ganhou forma definitiva no Rio de Janeiro, sendo também aplicado pelos clubes cariocas.

Com o tricampeonato carioca conquistado pelo Flamengo nos anos de 1953, 54 e 55, o “4-2-4” teve sua consagração definitiva. E Mendes (1977, p. 103) acrescenta que “com o Zagalo o sistema tinha uma variação para o “4-3-3”, porque o ponteiro esquerdo que fora adquirido ao América, intuitivamente recuava para ajudar o meio campo quando a bola estava com o time adversário”. Também com o “4-2-4”, fazendo variações para o “4-3-3” justamente pela presença de Zagalo, o Brasil foi campeão da Copa do Mundo de 1958.

Deste modo, no final dos anos 50 e início dos anos 60, a maioria das equipes brasileiras já passara a adotar o “4-3-3”, outras variavam do “4-2-4” para o “4-3-3”. Porém, o Santos utilizara o “4-2-4”, de forma mais rígida e ainda assim, se mantinha como sendo a melhor equipe brasileira da época. Claro que a presença de Pelé justificava tudo, segundo Mendes (1977, p. 109), pois “só com um jogador incomparável, como jamais houve e talvez não haja nunca mais, se poderia suportar adversários com um sistema mais evoluído”.

A aplicação da variação do sistema “4-2-4” para o “4-3-3”, apresentando uma certa flexibilidade à disposição tática do time, teve forte influência da seleção húngara na Copa do Mundo de 1954. Segundo Mendes (1977, p. 119), “antes da grande seleção húngara que ganhou as Olimpíadas de 1952 e que chegou a vitrine do Campeonato Mundial da Suíça, a função dos jogadores era praticamente fixa, cada qual guardando o mais possível a sua posição”. Nessa seleção, havia uma constante movimentação dos jogadores, que faziam variações e trocas de posições com eficiência, de modo que facilmente envolviam a equipe adversária que se mantinham seus jogadores fixos em suas posições. Para Mendes (1977), foi através da seleção húngara que se passou a conceber novas táticas superando-se o velho “WM”.

Aplicando o sistema vitorioso nas Copas de 1958 e 62, o Brasil viu na Copa de 1966 uma profunda mudança na forma de jogar futebol. Segundo Visintainer e Hingo (1989, p. 92) “o futebol atravessou em 1966 a fase crucial da sua modernização. E aquela Copa do Mundo foi o marco inicial dessa mudança. A seleção da Inglaterra abandonara o

seu tradicional “WM” e atuara no “4-3-3”, só que introduziram uma preparação física fora do comum na época. Foi aí que surgiu o “futebol-força”, denominação dada ao estilo de jogo dos ingleses naquela época.

Em 1970, o Brasil chegou para a Copa do Mundo do México com as lições da Copa anterior, bem preparada fisicamente adotou um “4-3-3” e venceu indiscutivelmente. Entretanto, na Copa de 1974, repetindo o mesmo sistema de 1970, o Brasil foi surpreendido pelo carrossel holandês, sepultando, assim, a era vitoriosa do “4-3-3” do futebol brasileiro. Mendes (1977, p. 133) destaca que “entre as muitas novidades de seu esquema de jogo, uma forma eficiente de deixar os adversários em impedimento, usando o avanço conjunto dos zagueiros com uma terrível precisão, obtendo sempre o objetivo”. O autor ressalta ainda que, além desta, os holandeses giravam em campo, alterando posições com grande facilidade, lembrando o esquema utilizado pelos húngaros na Copa de 1954. Também na Copa do Mundo de 1974, a Alemanha utilizou com eficiência a figura do “Líbero”. Acredita-se que o uso do líbero surgiu na Itália, termo utilizado para designar o jogador que se coloca atrás dos quatro beques, jogando na sobra. Na Copa do Mundo 1974, a Alemanha utilizou o líbero, mas dando ao mesmo maior elasticidade. Sem a posse da bola, o líbero alemão Beckembauer ficava atrás dos zagueiros, com a posse de bola do time germânico, este avançava em direção ao ataque.

Outro sistema comumente aplicado por equipes brasileiras é o “4-4-2”. Drubscky (2003, p. 123) ressalta que “é difícil precisar a cronologia das necessidades, mas duas questões se misturaram no surgimento do “4-4-2” tradicional dos brasileiros”. Aponta a primeira necessidade como sendo a transformação dos laterais marcadores em meio-atacantes e a alta competitividade do futebol que teria transferido a decisão dos jogos para o meio-campo. Drubscky destaca ainda que “o auge da eficiência do “4-4-2”, da maneira que o Brasil conhece, foi a conquista da Copa do Mundo dos Estados Unidos em 1994” (p. 125).

Outro sistema que vem se adaptando e ganhando espaço no futebol brasileiro é o “3-5-2”. Sistema esse utilizado nas duas últimas maiores conquistas do futebol brasileiro: a Copa do Mundo de 2002 e o Mundial de Clubes, pelo São Paulo Futebol Clube em 2005. Na Europa, esse é o sistema em voga em grande número de times e selecionados.

### 3. O técnico de futebol no Brasil

Um artigo publicado por Mário Filho no “Jornal dos Sports” no final dos anos 30, situa a passagem de Kruschner pelo Flamengo, emprestando a esse episódio a importância de ter sido o primeiro que marcou a presença do técnico no futebol brasileiro, ressaltando que “técnico no sentido tático pura e simplesmente, já que tínhamos de há muito profissionais com esse título, cujas funções se limitavam à disciplina, à escalação das equipes, algumas determinações de marcação, aos treinamentos físicos, nunca, porém, à padronização de um sistema tático pela colocação dos jogadores no campo dentro dos rigores de um plano tático” (MENDES, 1977, p. 35).

Kruschner começou a introduzir o pensamento tático no futebol brasileiro, sendo duramente criticado pelos cronistas da época que o acusavam de tirar do jogador brasileiro a sua mais pura característica, a improvisação. De acordo com Gil (1994, p. 102), “para os adeptos do “futebol-arte” o treinador não teria capacidade para ensinar táticas ou jogadas ensaiadas a esses artistas de genialidade insuperável”.

Entretanto, as transformações ocorridas nas formas de jogar o futebol começaram a requerer maior nível de conhecimento do treinador da equipe. Como ressalta Witter (1990, p. 23) “em torno dessas formas diferentes de jogar surgiram os técnicos, que se tornaram famosos pelas inovações introduzidas”.

Ainda assim, a figura do treinador no futebol brasileiro sempre ficou em segundo plano, já que o Brasil tinha nos seus craques o grande recurso para a obtenção das vitórias. De acordo com Gil (1994, p. 102), o “tipo predominante nesse ‘futebol-arte’ seria o ‘treinador-empírico’, que deveria ser um indivíduo avesso a teorias e sistemas rígidos de jogo capazes de anular os ‘craques’ ”.

Dentro desse contexto, algumas variações de “tipos” de treinadores sempre foram lembradas. Gil (1994, p. 102) coloca que “haveria ainda outro tipo de treinador possível no ‘futebol-arte’: aquele que poderíamos chamar de ‘bruxo’. Durante os jogos ele faria uso de recursos táticos, aparentemente sem explicação, valendo-se de seu saber supostamente sobrenatural”.

Gil também cita um outro tipo: “o feiticeiro” que seria o “treinador que escala um jogador fora de sua posição ou lança um reserva desconhecido, surpreendendo o adversário, conscientemente e contra aquele “inimigo específico...” (p. 102).

Entretanto, ainda de acordo com Gil, após a perda da Copa do Mundo de 1974, “propôs-se um primado universal sobre o empírico em nossa reflexão acerca do futebol. O técnico era visto como, mais progressista, mais avançado e o treinador experiente que não era poliglota e estudioso do esporte passou a ser sinônimo de atraso” (p.106).

Atualmente, a profissão de treinador de futebol envolve imensa gama de possibilidades e exige, cada vez mais, uma especialização na área do futebol. Porém, desde a sua chegada no Brasil, os primeiros técnicos vieram do próprio meio, geralmente ex-jogadores que, após encerrarem a suas carreiras mantinham vínculo com o clube, como técnicos. Atualmente, para se tornar legalmente um treinador profissional de futebol, o cidadão deve graduar-se em Educação Física. Leal (2002, p. 211) ressalta que “o treinador, em princípio, deve provir do próprio futebol, nele ter suas origens e vivências, de preferência como jogador, não significando isso, que outros não possam desempenhar a função com todo êxito”. Contudo, nesse cenário, há vários estilos e tipos de treinadores. O autor destaca alguns como sendo principais de acordo com suas características básicas: O “ditador” é aquela que impõe regras, cobrando muita disciplina e aproveitando a posição de chefe para impor seus pontos de vistas, freqüentemente tem problemas com “jogadores estrelas”. O “casual” que é levado a dirigir um time sem ter o exigível preparo quer de formação, quer de prática. O “democrático” é aquele cujo diálogo é a palavra chave e a forma de liderança natural e espontânea.

#### 4. A leitura técnico-tática do jogo

O jogo de futebol é caracterizado pela dialética ataque/defesa, numa relação de oposição entre as duas equipes e de cooperação entre os integrantes da mesma equipe, sendo também repleto de circunstâncias que, se não forem devidamente observadas e analisadas, ficam a critério do acaso e, conseqüentemente, sem uma teoria que ofereça um raciocínio para a compreensão do jogo.

Nesse sentido, Castelo (1995, p. 06) ressalta que “quanto mais o jogo for privado de um esforço de observação e análise, mais a sua teoria se ressentir do estabelecimento dos fundamentos necessários aos seus raciocínios, aumentando-se conseqüentemente, o espaço onde prolifera-se o acidental, o casuístico”. Assim, uma leitura técnico-tática adequada deve se propor a identificar e explicar os acontecimentos ocorridos dentro do jogo, levando estes a serem teorizados com fim de encontrar soluções alternativas para os fatos observados no jogo. No entanto, uma leitura apurada do jogo de futebol não deve somente apontar deficiências na equipe, mas também apontar meios para otimização do rendimento individual e coletivo do time. Visintainer e Hingo (1989, p. 47) acrescentam que “as estruturas ou teorias do futebol são frutos da experiência ou da empiria. Entretanto, a ignorância de um empirista reside na incapacidade de ligar suas observações do futebol a uma estrutura explicativa”. Sendo assim, de forma geral, por falta de uma teoria que esclareça os fatos observados no contexto do jogo, temos fatos dados como explicação, ao invés de termos explicações estruturadas para os fatos.

Contudo, muitos técnicos da atualidade são valorizados pela sua grande capacidade de observação e interpretação das situações do jogo, e com isso, de conduzir com eficiência suas equipes durante os jogos. Um dos seus momentos de atuação mais importantes durante um jogo é quando o técnico se dispõe a realizar alterações na equipe. Para Drubscky (2003, p. 292), as substituições “são os procedimentos táticos mais caprichosos e importantes no jogo de futebol”. O autor acrescenta ainda que, “a substituição é o componente técnico-psicológico que, tratado com critérios, proporciona ótimos resultados” (p. 292). Para Santos Filho (2002, p. 18), “nessas ocasiões, o técnico tenta prever o que poderá acontecer no decorrer da partida, não só com a sua equipe, mas também com o adversário”.

Da sua decisão pode depender o resultado da partida. Já para Drubscky (2003, p.273), “é importante que o técnico atente para as necessidades de cada momento e interfira no curso dos fatos”.

Assim, o futebol moderno está cada vez mais exigente nas questões técnico-táticas. Os técnicos de futebol estão sempre buscando a melhor forma de armar a sua equipe, com o intuito da mesma poder realizar com eficiência, as situações defensivas e ofensivas. Para Drubscky (2003, p. 279), “os aspectos físicos, técnicos e táticos são o foco principal na leitura de jogo dos treinadores”. Embora saibamos que esses aspectos interagem e se relacionam entre si, buscaremos voltar nossa análise para os aspectos técnicos e táticos do jogo. Neste sentido, Drubscky ressalta que “apesar de importante, não basta apenas a análise global da equipe; funcionamento do desenho tático, da postura em campo e da forma de marcar, principalmente. No futebol, ganha-se e perde-se nos detalhes, o que exige também uma visão analítica dos jogos: rendimento individual, ponto do adversário a explorar ou neutralizar, etc”. (p. 279). De acordo com Leal (2001, p. 205), dentro de um plano de jogo de cada partida, o técnico deve atentar para os “pontos fortes a serem enfatizados (de acordo com as próprias características) e conhecidas fragilidades do adversário a serem explorados, quanto nossos pontos frágeis (fortificados ou cobertos), e melhor ainda, anulados os pontos fortes adversários”.

A inteligência do técnico na leitura técnico-tática do jogo passou a ser um fator de grande importância durante as partidas, além de assumir grande utilidade no planejamento e preparação da equipe para os jogos. Os técnicos criaram argumentos próprios para realizar essa leitura de jogo, e assim, determinar a melhor opção como solução para os problemas da equipe. Fernandes (1994, p. 113) ressalta que “cada treinador utiliza um critério próprio com sua ficha particular de anotações. Este procedimento implica também em conclusões individuais com utilidade práticas para aquele treinador”. De acordo com Leal (2001, p. 128), “ainda que as estatísticas (scout) sejam precisas e muitos úteis, não substituem a sensibilidade, a experiência e visão do treinador”.

No entanto, uma leitura de jogo apurada, requer também uma leitura de condutas individuais dos jogadores, O jogador de futebol é um texto, e cabe ao treinador saber lê-lo e interpretá-lo de maneira correta. Nesse sentido, Visintainer e Hingo (1989, p. 15)

acrescentam que “se compreendermos criticamente o futebol, sabemos que os jogadores, de um modo geral, atuam da mesma forma, de um modo geral tendem a uma média probabilística de atuação”. Assim, a regularidade dos jogadores na forma de atuarem, permite ao técnico prever seu comportamento técnico-tático, dentro das condições efetivas em que se desenrolará o jogo, e em consequência disso, propor alternativas para otimizar o desempenho individual e coletivo da equipe nessas ocasiões.

## 5. A Formação técnico-tática do futebolista

Criar situações favoráveis dentro do contexto do jogo, tendo como objetivo desequilibrar o sistema opositor, a fim de se concretizar o propósito do jogo (o gol) ou as finalidades de cada situação (ataque ou defesa), é uma tarefa que exige do técnico um pensamento tático inteligente e, conseqüentemente, dos jogadores um comportamento técnico-tático adequado com as sucessivas situações apresentadas durante o jogo.

De acordo com Graça e Oliveira (1995, p. 98) “o primeiro problema que se coloca ao indivíduo que joga, é sempre de natureza tática, isto é, o praticante deve saber *o que fazer*, para poder resolver o problema subsequente, *o como fazer*”. Para tanto, o jogador deve possuir uma adequada capacidade de decisão, que é oriunda de uma interpretação apropriada das situações decorrentes na partida. Por isso, no plano prático, a tática e a técnica são inseparáveis, pois em situações de jogo, será mais importante que os jogadores sejam capazes de solucionar os problemas que o contexto lhes coloca, do que utilizar técnicas estereotipadas ou esquemas táticos rígidos e pré-determinados. Assim, segundo Graça e Oliveira (1995, p. 99) “o bom jogador deve ajusta-se não apenas às situações que vê, mas também aquelas que prevê”.

Assim, o desenvolvimento do plano tático exige ações técnicas especializadas dos jogadores, para isto, se pressupõe um grande treino nessa área, acrescentando este a um processo pedagógico de formação da inteligência tática dos jogadores.

Contudo, organizar pedagogicamente as respostas e soluções encontradas a eventuais necessidades da equipe e dos jogadores tem sido um desafio para os técnicos, principalmente nas categorias de base, onde os jogadores estão em processo de formação e precisam de elementos para desenvolver um pensamento técnico-tático crítico.

Segundo Bayer (1995, p. 56), “durante muito tempo o ensino dos desportos coletivos encontrou a sua justificação na intuição, no bom senso e no empirismo”.

No entanto, algumas vertentes desenvolveram a concepção dos jogos coletivos. Citaremos algumas que marcaram presença dentro desse processo de ensino e formação dos jogadores:



#### a) Abordagem mecanicista

Essa primeira fase de pensamento foi também denominada “perspectiva associativista” fundamentalmente influenciada pelo “período mecanicista”, ou seja, as atividades eram decompostas em elementos simples e, com a soma desses elementos pretendia-se reconstruir as representações mais complexas do jogo. Nesse sentido Castelo (1995, p. 31) ressalta que “a equipe era encarada como uma justaposição, ou seja, uma adição de jogadores, em que a soma das suas ações individuais representava a ação coletiva”. Bayer (1994) acrescenta que na perspectiva associativista “a formação dos jogadores era centrada na aquisição e aperfeiçoamento de elementos técnicos e táticos elementares que eram sistematicamente associados até se reconstituírem num todo” (apud GRAÇA; OLIVEIRA, 1995, p. 32).

#### b) Abordagem baseada nas combinações do jogo

Também conhecida como “Psicologia da forma”, essa abordagem pressupõe que cada elemento só tem significado se relacionado com o conjunto, e que diferentes elementos de uma estrutura articulam-se uns com os outros para constituírem uma forma. Neste sentido Castelo (1995, p. 32) ressalta que “uma forma é algo mais que a soma das suas partes, ela tem propriedades que não resultam da simples adição de seus elementos, sendo estes interdependentes e organizados num ‘campo’ total segundo certas leis”.

Sendo assim, a palavra “forma” é tomada no sentido que lhe atribuiu a Teoria de Gestalt, ou seja, de estruturas estáticas. Assim, a descrição da defesa ou do ataque é feita de acordo com a colocação dos jogadores no terreno. Por exemplo, fala-se “4-4-2” ou “3-5-2”, para se descrever o posicionamento dos jogadores num sistema de jogo. Deste modo, a realização de uma combinação ocorre através do deslocamento de um ou vários jogadores, que vão de um determinado local do campo para outro, para reconstruir uma nova forma...

### c) Abordagem dialética

Na perspectiva dialética é acentuada a importância da noção de relações de força.

De acordo com Bayer (1995, p. 59), “um jogo organiza-se como uma unidade dialética ataque/defesa (tese-antítese)”. Essa relação constante de oposição entre as equipes em confronto impõe mudanças alternadas de comportamentos e atitudes, de acordo com as fases do jogo (defesa/ataque) e como sua finalidade primordial (o gol). Deste modo, cabe aos jogadores assumirem comportamentos que induzam situações favoráveis ao cumprimento dos objetivos da equipe.

Contudo, segundo Bayer (1995, p. 60) nessa concepção “a competição torna-se o motor pedagógico”.

### d) Abordagem centrada numa pedagogia das situações

Essa abordagem, fortemente influenciada pela fenomenologia<sup>7</sup>, centrou seus interesses sobre o jogador, enquanto indivíduo cooperante com seus companheiros e opondo-se aos adversários.

De acordo com esta linha, o jovem percebe uma situação de jogo e com os diferentes elementos que ele seleciona, hierarquiza, qual estrutura para elaborar uma situação mental dos problemas inerentes a essa situação, materializada no campo por uma resposta motora.

Nas tarefas mais simples, a solução é encontrada com maior rapidez e facilidade. No entanto, nas situações táticas mais elaboradas que se apresentam durante o jogo, seu processamento é mais lento (ver figura 1).

Deste modo, Graça e Oliveira (1995, p.40) ressaltam que “observamos que muitas vezes os erros táticos são cometidos quando há uma mudança repentina da situação”. Isso significa que o jogador não está preparado para as reações flutuantes e, por vezes,

---

<sup>7</sup> Fenomenologia: corrente de pensamento monista que volta a dar toda a sua importância à atividade perceptiva do sujeito no seio da sua condução motora.

imprevisíveis dos adversários. Deste modo, não consegue responder adequadamente nessas ocasiões.

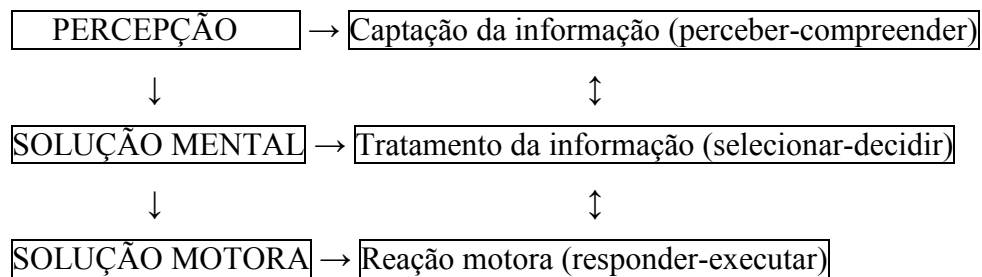


Fig. 1: Fases do processamento da informação de uma ação tática complexa. (Adaptado de Graça e Oliveira, 1995).

## **METODOLOGIA**

### **Caracterização da pesquisa**

Este estudo caracteriza-se como sendo uma pesquisa descritiva interpretativa que visa colher opiniões, atitudes e “crenças” de uma população, do tipo levantamento, através da “interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer” (Gil, 2002, pp. 42; 50).

### **População**

A população foi composta por técnicos de futebol atuantes em clubes profissionais da Região da Grande Florianópolis.

### **Participantes da pesquisa**

Participaram da pesquisa 4 técnicos pertencentes à população supracitada. A seleção da amostra foi feita de modo intencional.

### **Instrumento de coleta de dados e informações**

Foi utilizado para a realização desse estudo um questionário elaborado pelo pesquisador, composto por quatro perguntas abertas, que seguiram as seguintes vertentes:

- Sistema de jogo;
- Leitura ou interpretação do jogo;
- Formação técnico-tática dos jogadores;
- Método de trabalho técnico-tático;

## **Procedimento**

O pesquisador fez a coleta de dados individualmente com representantes do público da população escolhida no período de Outubro/Novembro de 2006. Algumas coletas de dados foram realizadas na presença do pesquisador. As demais foram obtidas através de e-mail. Para tanto, inicialmente os clubes foram contatados, com o objetivo de apresentar a finalidade da pesquisa e para nos passar os contatos com os técnicos do clube. Então, de posse desses contatos, enviamos os questionários a serem respondidos. Após sua devolução, devidamente respondidos, fizemos uma análise inicial dos dados obtidos e, posteriormente, reenviamos alguns itens respondidos para um maior esclarecimento. Por fim, depois de esclarecidas as respostas, realizamos sua análise final.

## **Análise dos dados**

Para a interpretação das informações obtidas nesse estudo, utilizamos a metodologia hermenêutica<sup>8</sup>. Contudo, os dados coletados serão analisados de forma qualitativa, estabelecendo-se comparações dos dados coletados com a fundamentação teórica da revisão da literatura.

## **Limitações do estudo**

A não devolução de alguns dos questionários distribuídos.

---

<sup>8</sup> Hermenêutica – palavra que descreve a prática da interpretação.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesse capítulo apresentaremos e discutiremos os dados obtidos ao longo dessa pesquisa. Para isso, as respostas dos técnicos para cada vertente de investigação foram agrupadas e, assim, analisadas em conjunto.

### QUESTÃO 1 – SISTEMA TÁTICO

As transformações ocorridas no futebol alteraram a forma de jogar das equipes. Antes tínhamos um aglomerado de jogadores que, de acordo com Arroyo (1997, p. 23) “estavam desorientados e não sabiam se colocar”. Porém, depois da criação e sucessivas alterações na Lei do impedimento que segundo Duarte (1997, p. 53), “torna o futebol mais empolgante, por exigir inteligência dos seus praticantes e significar um desafio aos movimentos táticos das equipes”, começaram a se buscar formas de melhor ordenar a defesa e o ataque, razão que culminou com o aparecimento dos sistemas táticos. Sendo que, de acordo com Mendes (1997) e Drubscky (2003), o “WM” idealizado por Chapman, representou o marco dos sistemas táticos. A partir desse, outras formas sendo criadas mais tarde, exigindo atualmente, ações organizadas das equipes para o desenvolvimento do jogo.

Deste modo, a primeira questão a ser analisada é referente aos critérios utilizados para se adotar o sistema tático utilizado pela equipe, o sistema de jogo comumente aplicado pelos técnicos, bem como suas possíveis vantagens e desvantagens. Assim sendo, obtivemos como respostas, a observação de vários critérios que, segundo os técnicos, merecem ser considerados na definição do sistema de jogo:

- *Inicialmente é importante você observar a disponibilidade dos jogadores para desenvolverem o sistema a ser aplicado;*

Os treinadores apontaram a tendência de adequarem o sistema de jogo à capacidade de desempenho dos jogadores. Ponto considerado relevante e compartilhado por Leal (2001) e Drubscky (2003), que ressaltam a importância de se conhecer as características técnicas e possibilidades de atuação tática dos jogadores, sendo esses, pontos cruciais para a implantação e funcionamento adequado do sistema de jogo a ser aplicado pela equipe.

Entretanto, ainda que se pregue a necessidade de moldar o sistema de jogo à disponibilidade dos jogadores, outros critérios são comumente citados pelos técnicos, como, por exemplo:

- *Conhecer a equipe adversária e outras circunstâncias em que se desenvolverá a partida, por exemplo, se o jogo é dentro ou fora de casa, ou ainda, dependendo do resultado em que a equipe necessita, para então, definir seu sistema de jogo;*

- *Não conhecendo a equipe adversária, armar um forte sistema de marcação, evitando assim, ser surpreendido pela mesma;*

Uma vez estabelecidos esses critérios, percebemos que os jogadores é que serão adaptados ao sistema de jogo pré-definido pelo técnico.

Contudo, esse é um questionamento comum: como armar um time de futebol? Segundo o elenco ou adaptar os jogadores a uma filosofia tática pré-determinada?

Drubsky (2003, p. 70) ressalta que “os dois caminhos são recomendáveis, embora, a mistura dos dois seja ainda mais interessante”.

Quando se desconhece o adversário, os treinadores demonstraram como critério para a adoção do sistema de jogo a ser aplicado aquele que eles julgaram ser o mais defensivo. Assim, o sistema de jogo era armado com jogadores com maior poder de marcação e desarme. Neste sentido, Leal (2001) aponta que a necessidade de conceber o sistema de jogo passa a ser orientada pela ocupação de setores, assim, dependendo do nível técnico do adversário, a ocupação de uma das “zonas” do campo (defensiva ou ofensiva) terá que ser priorizada.

Ainda verificamos que o sistema de jogo, 4-4-2, é o mais aplicado pelos técnicos, que apontaram como vantagens e desvantagens desses sistemas:

No “4-4-2”, apresentaram como as principais vantagens:

- *Marcação mais sólida no meio campo;*
- *Equipe mais ofensiva com a aproximação de um meio campista nos atacantes;*

E como principais desvantagens:

- *Setor defensivo mais vulnerável;*

No “3-5-2”, apresentaram como as principais vantagens:

- *Equipe mais ofensiva com a chegada de pelo menos cinco jogadores ao ataque;*

- *Equipe mais equilibrada;*

E como principais desvantagens:

- *Maior dificuldades na saída de bola;*

Com base nas justificativas para a aplicação de determinado sistema de jogo, concluímos que, independentemente do sistema de jogo empregado, a conduta e as características dos jogadores, é que determinaram o equilíbrio (ataque/defesa) do sistema e conseqüentemente, o sucesso do plano tático na partida.

Contudo, percebemos que na evolução tática do futebol, as ações do jogo ficaram centradas na zona de meio campo (de controle), por ex., dos sistemas táticas ‘antigos’, “1-1-8”, “1-2-7”, “2-2-6”, “2-3-5”, evoluímos para os sistemas ‘modernos’, “3-4-3”, “4-4-2”, “3-5-2”, “3-6-1”, etc... Deste modo, verificamos uma tendência dos técnicos em dedicarem especial atenção à questão da marcação nesse setor. Para tanto, buscam sistemas alternativos que satisfaçam a condição de ser “sólido” no meio-campo, garantindo assim, maior proteção a zona defensiva da equipe, bem como maior poder de chegada ao ataque.



## QUESTÃO 2 – LEITURA DO JOGO

Sabemos que as transformações ocorridas na forma de jogar o futebol começaram a exigir maior nível de conhecimento do treinador da equipe. Hoje, o futebol apresenta uma série de circunstâncias técnico-táticas que exigem do técnico a sensibilidade de identificá-las e interpretá-las corretamente para deste modo, ajustar sua equipe de forma precisa à dinâmica do jogo ou para orientar a preparação da mesma para as partidas.

Se no começo da prática futebolística no Brasil, a figura do treinador de futebol ficava em segundo plano, já que o Brasil tinha nos seus “craques” o grande recurso para a obtenção das vitórias. Atualmente, estes passaram a serem muito valorizados pela importante função de liderar e colocar os jogadores no campo, dentro dos rigores de um plano tático, e conduzirem suas equipes durante as partidas.

Sendo assim, procuramos levantar os principais pontos ressaltados pelos técnicos para realizarem a leitura técnico-tática de jogo:

- *Verificar o sistema de jogo do adversário;*

Segundo os técnicos, perceber rapidamente o sistema de jogo utilizado pelo adversário deverá ser o foco de observação inicial na partida. Neste sentido, Drubscky (2003) destaca como sendo de extrema importância a identificação por parte do técnico e também dos jogadores o sistema de jogo utilizado pela equipe adversária. Essa informação nos atentará para o funcionamento do desenho tático, principalmente na fase de recuperação da bola (momento defensivo), facilitará a orientação dos jogadores no “encaixe” da marcação, bem como permitirá ao técnico realizar correções táticas mais específicas nos setores;

- *Neutralizar os pontos fortes e as principais jogadas do adversário;*

Esse fator pode ser decisivo para o resultado da partida. Inicialmente, detectar e procurar neutralizar os pontos fortes do adversário, a fim de se obter equilíbrio defensivo, para então, se buscar otimizar suas qualidades ofensivas e explorar os pontos fracos do adversário, desequilibrando, assim, o jogo a seu favor. Para Santos Filho (2002, p. 18), “o técnico, tenta prever o que poderá acontecer no decorrer da partida, não só com a sua equipe, mas também com o adversário”. Deste modo, o técnico precisa ter grande

capacidade de observação e interpretação (hermenêutica) das possíveis situações de jogo. Neste sentido, Drubscky (2003, p. 279) ressalta que “apesar de importante, não basta apenas a análise global da equipe; funcionamento do desenho tático, da postura em campo e da forma de marcar, principalmente. No futebol, ganha-se e perde-se nos detalhes, o que exige também uma visão analítica dos jogos: rendimento individual, ponto do adversário a explorar ou neutralizar, etc”. De acordo com Leal (2001, p. 205), dentro de um plano de jogo de cada partida, o técnico deve atentar tanto para os “pontos fortes a serem enfatizados (de acordo com as próprias características) e conhecidas fragilidades do adversário a serem exploradas, quanto nossos pontos frágeis (fortificados ou cobertos), e melhor ainda, anulados os pontos fortes adversários”.

Em suma, o cuidado com o sistema defensivo parece ser a primeira preocupação na leitura do jogo.

### QUESTÃO 3 – FORMAÇÃO TÉCNICO-TÁTICA

Para Gil (1994, p. 102), “duas frases enraizadas em nosso senso comum esportivo demonstram o tipo de concepção do futebol e do brasileiro: ‘craque já nasce feito’ e ‘futebol não se aprende na escola’ ”. Entretanto, com os diversos e avançados meios de preparação, o futebol atual apresenta alto nível de competitividade, o que exige uma formação mais completa dos futebolistas. Para tanto, os jogadores devem passar por uma formação adequada correspondente a exigência atual do desporto.

Deste modo, nessa questão investigamos que elementos técnicos-táticos os técnicos consideram fundamentais para que um jogador esteja apto a ser promovido para a equipe profissional. Assim, obtivemos como respostas as seguintes:

- *Conhecimento (disciplina) tático e capacidade técnica;*
- *Versatilidade e bom desempenho com as duas pernas;*

Drubscky (2003, p. 52) ressalta que “o craque faz a diferença, mas apoiado na sistematização tática da equipe”. Graça e Oliveira (1995, p. 98) ressaltam que “o primeiro problema que se coloca ao indivíduo que joga, é sempre de natureza tática, isto é, o praticante deve saber *o que fazer*, para poder resolver o problema subsequente, *o como fazer*”. No entanto, mais que seguir um sistema tático rígido e pré-determinado, o jogador deve ter uma acentuada capacidade de decisão, para poder resolver os problemas que o contexto do jogo lhe coloca. Por isso, além de disciplina tática, o jogador precisa desenvolver conhecimento tático para “ler” e se adaptar com eficiência a dinâmica do jogo. Nesse sentido, os jogadores considerados “versáteis”, assumem um destaque especial na equipe, pois estes podem ser utilizados em diversas posições, inclusive, sua presença em campo, permite ao técnico, mudança no sistema tático, de acordo com a necessidade momentânea da equipe durante a partida. Em suma, segundo Graça e Oliveira (1995, p. 99) “o bom jogador deve ajusta-se não apenas às situações que vê, mas também aquelas que prevê”.

Entretanto, para a execução de todas as atribuições táticas, as habilidades técnicas dos jogadores são fundamentais no contexto do jogo. Sendo assim, o bom desempenho do atleta com as duas pernas, deixa-o em condições de executar com maior facilidade

determinadas ações técnicas em qualquer setor do campo, garantindo a esse, maiores chances de inclusão na equipe.

Contudo, no trabalho de formação dos jogadores, o que Drubsky chama de o “binômio do sucesso” tem que ser priorizado, ou seja, a sincronia entre o trabalho tático e a qualidade técnica dos atletas.

## QUESTÃO 4 – FORMA DE TRABALHO

Segundo Bayer (1994, p. 56), “durante muito tempo o ensino dos desportos coletivos encontrou a sua justificação na intuição, no bom senso e no empirismo”. Porém, com a evolução do futebol e, com muitos estudos realizados na questão do ensino-aprendizagem, algumas concepções se apresentam como alternativas para o ensino desse desporto. Deste modo, a quarta questão refere-se sobre a forma ou o método de trabalho que é realizado em função dos componentes que são considerados importantes na formação dos jogadores.

Assim sendo, os técnicos ressaltaram que, nos treinamentos, são realizados:

- *Treinamento das situações de jogo;*
- *Treinamento específico por posições;*

No jogo encontram-se todos os elementos necessários para a configuração do trabalho a ser realizado na equipe e nos jogadores. De acordo com o que é observado e interpretado como exigências do jogo, os técnicos procuram elaborar suas atividades para a sessão de treinamento, procurando apresentar situações e corrigindo eventuais erros táticos. Graça e Oliveira (1995) colocam que é importante prepararmos os jogadores para as reações flutuantes da partida e, por vezes, imprevisíveis do adversário, ressaltando que “observamos que muitas vezes os erros táticos são cometidos quando há uma mudança repentina de situação” (GRAÇA E OLIVEIRA, 1995, p. 40). Para tanto, tornou-se necessário o uso de uma didática adequada para que os objetivos do treinamento sejam concretizados. Assim, os técnicos se apropriando de uma boa leitura de jogo, podem identificar as principais carências da equipe e dos jogadores e criar atividades inteligentes, motivantes e personalizadas, correspondendo à evolução do futebol moderno, já que segundo Drubscky (2003), é muito comum a utilização de modelos ultrapassados e não adaptados à filosofia de jogo da equipe. Neste sentido Drubscky (2003, p. 189) aponta para o uso de treinamentos personalizados<sup>9</sup>, cujos “trabalhos são feitos atendendo as

---

<sup>9</sup> Treinamento Personalizado: são aqueles que, associados a idéia de jogo do técnico, aperfeiçoam o seu sistema tático.

necessidades particulares do grupo e com processos personalizados desenvolvidos na idéia de jogo dos treinadores”.

Contudo, os técnicos ressaltam como de grande importância o treinamento específico por posições, principalmente para aperfeiçoamento dos fundamentos técnicos mais exigido em cada função. Por exemplo: para os atacantes, treinos de finalização; para os zagueiros, desarme; etc... Porém, sempre integrados a uma situação de jogo.

## Sobre a hermenêutica

É um ramo da filosofia que se debate com a compreensão humana e a interpretação de textos escritos.

A palavra hermenêutica significa “declarar”, “esclarecer”, “interpretar”, etc. Esse termo pode ainda ser traduzido por “explicar” ou “expor”. Portanto, descreve simplesmente a prática da interpretação. Significa que alguma coisa é “tornada compreensível” ou “levada à compreensão”.

Usado tradicionalmente como um método para estudo da Bíblia, a hermenêutica teve sua formação enquanto arte e técnica de interpretação correta de textos, com o esforço dos gregos para preservar e compreender os seus poetas.

Entretanto, esse método vem comumente sendo utilizado em diversas áreas, dentre essas o futebol. Em entrevista ao site “cidade do futebol<sup>10</sup>”, o filósofo português Manoel Sérgio<sup>11</sup>, conselheiro de José Mourinho, técnico do Chelsea da Inglaterra, ressalta que “o método que deve ser utilizado no futebol é a hermenêutica. O jogador de futebol é um texto, e cabe ao treinador e à comissão técnica saber ler isso e decifrar. A relação entre treinador e atleta precisa ser a mesma de um leitor para um livro”. Manoel Sérgio acrescenta ainda que “quem quiser entender o futebol precisa tentar entender o homem”. Entretanto, para essa interpretação poder ser realizada, o técnico precisa compreender a parte lógica, as ciências humanas e biológicas. Assim, ele terá capacidade de fornecer uma leitura específica do atleta sobre cada um destes aspectos.

---

<sup>10</sup> [www.cidadedofutebol.com.br](http://www.cidadedofutebol.com.br)

<sup>11</sup> Criador da Ciência da Motricidade: entende os atletas como indivíduos complexos e em busca de superação constante. Assim, sistematiza a compreensão do futebol como um esporte que aborde a complexidade humana.

## Considerações sobre a hermenêutica no futebol

Sabemos que “observar” é uma coisa, “ver” ou “enxergar” é outra bem diferente. Quem “vê” teve que aprender a ver, a interpretar, a discernir o que estava sendo observado. O primeiro passo para aprender a pensar, curiosamente, é aprender a observar. Para isso, é necessário focalizarmos nossa atenção naquilo que desejamos compreender. Compreensão, de acordo com Piaget<sup>12</sup>, é o segundo estágio do conhecimento, que ocorre quando o indivíduo se apropria da informação. Assim, essa capacidade de observação deve ser bem desenvolvida para a leitura de jogo no futebol.

Medina<sup>13</sup> acrescenta outro ingrediente fundamental aos seres humanos, a intuição. Esta capacidade de tomada de decisões ou de fazer julgamentos muito rápidos com base em poucas informações.

Por exemplo, um treinador de futebol precisa, durante um jogo, tomar decisões tão rápidas quanto precisas. Muitas vezes todo o indispensável conhecimento que possui sobre estratégias, táticas e outros assuntos importantes para o desempenho do seu time não bastam. É preciso mais do que isso. Ele precisa de uma intuição muito acurada para decidir acertadamente.

E a mesma lógica utilizada para entender o papel do treinador pode ser usada para o atleta. Um jogador de futebol pode ter uma extrema habilidade com a bola, mas será incompleto se não tiver uma ampla compreensão e percepção de tudo o que está acontecendo ao seu redor. Mais do que isso, se não tiver adequadas intuições na hora do jogo, para decidir as melhores jogadas, de nada valerá toda a sua técnica, seu preparo físico ou sua disposição tática.

Assim, a intuição é algo que juntamente com as informações necessárias, nos ajudam a fazer julgamentos e tomarmos decisões com muito mais qualidade.

---

<sup>12</sup> Jean Piaget – Psicólogo e filósofo suíço, foi um importante teórico do processo do conhecimento humano (epistemologia).

<sup>13</sup> João Paulo Medina - Professor de Educação Física, técnico especializado em futebol e mestre em Filosofia da Educação.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma leitura apurada do jogo de futebol não deve somente apontar deficiências na equipe, mas também propor meios para a otimização do rendimento individual e coletivo do time. Assim, embora alguns focos de observação possam ser sugeridos, servindo como facilitadores da leitura do jogo, nada substituem a sensibilidade, experiência e visão do treinador na tentativa de prever os acontecimentos no decorrer do jogo. Porém, a atenção dos técnicos deve estar voltada, não apenas para os fatos do jogo, mas também, ao desenvolvimento de uma leitura adequada dos jogadores. Para tanto, o método que começa a ser empregado no futebol é a análise hermenêutica, ferramenta que pode nos oferecer informações sobre a conduta e atitudes dos indivíduos. Deste modo, tendo condições para conhecer o todo (coletivo e individual), o técnico poderá ajustar a equipe de acordo com a sua compreensão e idéias a respeito da “lógica” do jogo.

Mas afinal, para que serve o acúmulo de informações sobre a leitura técnico-tática do futebol? Concluimos que a compreensão da realidade do jogo de futebol, ainda que seja feita de forma imparcial e incompleta, nos oferece a possibilidade de:

- Estabelecer relações, construir e organizar formas de poder explicar a razão de ser dos fatos, e o que os determinam, isto é, descobrir seu sentido e significado;
- Orientar novas conclusões práticas sobre os meios de treinamento técnico-tático para o futebol;
- Direcionar o trabalho realizado nas categorias de base às reais necessidades de formação;
- Otimizar o tempo das sessões de treinamento;

## OUTRAS CONSIDERAÇÕES

Antonio Afif<sup>14</sup>, nos fala a respeito da nova tendência dos treinadores no futebol. Segundo o autor, no mundo empresarial existe o *coaching*, que ainda é algo relativamente novo. Esse profissional também é conhecido como *coach* (treinador, em inglês), na verdade, é um "condutor" e não um treinador.

O *coach* vai além de apenas treinar uma equipe. Ele orienta os profissionais sob seu comando - no caso do futebol, os atletas - discute com eles, personaliza as conversas, fazendo de tudo para que cada um dê o melhor de seu potencial e se engaje na atividade, que tenha prazer no seu trabalho. Enfim, ajudam as pessoas a crescerem. Eles fazem as pessoas enxergarem além do momento atual.

O relacionamento entre o *coach* e o seu "cliente" é algo em que cada um deve fornecer um caminho para o sucesso do outro, através do comprometimento mútuo para ajudar os outros a atingir suas metas. Essa é a essência do *coaching* - e da liderança. O *coach* ajuda a pessoa que está sendo aconselhada a aprender, a crescer e a concretizar seus sonhos.

---

<sup>14</sup> Antônio Afif - Economista graduado pela Universidade Mackenzie (SP), foi um dos precursores da profissionalização do futebol no país.

## REFERÊNCIAS

AFIF, A. **Coaching pode ser instrumento de transformação**. Disponível em: <http://www.cidadedofutebol.com.br>. Acessado em 15/01/2007.

ARROYO, R.C. **Fútbol: análisis del juego**. Sevilla: Wanceulen, 1997.

BAYER, C. **O ensino dos desportos coletivos**. Paris: Dinalivro, 1994.

BORSARI, J. R. **Futebol de campo**. São Paulo: EPU, 1989.

BRUNORO, J.C.; AFIF, A. **Futebol 100% profissional**. São Paulo: Gente, 1997.

CASTELO, J. **Modelo técnico-tático do jogo**. Lisboa: Universidade técnica de Lisboa, 1995.

DRUBSCKY, R. **Universo Tático do Futebol: Escola Brasileira**. Belo Horizonte: Health, 2003.

DUARTE, O. **Futebol: histórias e regras**. São Paulo: Makron Books, 1997.

FERNANDES, J. L. **Futebol: ciência, arte ou... sorte!: Treinamento para profissionais – Alto rendimento: preparação física, técnica, tática e avaliação**. São Paulo: EPU, 1994.

FRISSELLI, A.; MANTOVANI, M. **Futebol: teoria e prática**. São Paulo: Phorte, 1999.

FLEURY, S. **Competência Emocional: o caminho da vitória para equipes de futebol**. 3ª. Ed. São Paulo: Gente, 1998.

GIL, G. O drama do “futebol-arte”: o debate sobre a seleção dos anos 70. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, ano 9, n. 25 p. 100-109, Julho de 1994.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol – dimensões históricas e sócio-culturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. **O ensino dos jogos desportivos**. 3<sup>a</sup>. Ed. Porto: Universidade do Porto, 1995.

KANITZ, S. **Observar e pensar**. Disponível em: <http://www.kanitz.com.br/veja/observar>. Acessado em 15/01/2007.

LEAL, J. C. **Futebol: arte e ofício**. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

MEDINA, J. P. **Futebol e Intuição**. Disponível em: : <http://www.cidadedofutebol.com.br>. Acessado em 15/01/2007.

MELLO, R. S. de. **Sistemas e táticas para o futebol**. São Paulo: Sprint, 1999.

MENDES, L. **As táticas do futebol**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1997.

OSTERMANN, R. C. **Felipão: a alma do penta**. Porto Alegre: ZH Publicações, 2002.

SANTOS, E. dos. **Caderno técnico-didático futebol**. MEC, 1979.

SANTOS FILHO, J. L. A. **Manual de Futebol**. São Paulo, Phorte, 2002.

TOLEDO, L. H. **Lógicas no futebol**. São Paulo. Husitec, Fapesp, 2002.

UNZELTE, C. O. **O livro de ouro do futebol**. São Paulo: Ediouro, 2002.

WITTER, J.S. **O que é futebol**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

VISINTAINER, J.; HINGO, V. **O império do contrataque**. Porto Alegre: Sulina, 1989.

**ANEXO 1**

**RELAÇÃO DOS CLUBES CONTATADOS**

## Relação dos clubes contatados

Associação Chapecoense de Futebol

<http://www.racaverde.com.br/chapecoense.php>

Avai Futebol Clube

<http://www.avai.com.br/>

Clube Atlético Hermann Aichinger

<http://www.atleticoha.com.br/>

Clube Náutico Marcílio Dias

<http://www.marciliodias.com.br/>

Criciúma Esporte Clube

<http://www.portaldotigre.com.br>

Esporte Clube Juventus

<http://www.juventusjaragua.com.br/>

Figueirense Futebol Clube

<http://www.figueirense.com.br/>

Joinville Esporte Clube

<http://www.jec.com.br/>

Sociedade Esportiva Recreativa e Cultural Guarani

<http://www.guaranidepalhoca.com.br/>

**ANEXO 2**

**QUESTIONÁRIO APLICADO NA PESQUISA**



**Universidade Federal de Santa Catarina**  
Centro de Desportos  
Departamento de Educação Física  
DEF 5160 – Seminário de Monografia  
Professora Nívia Márcia Velho

Caro amigo: o questionário abaixo visa obter informações sobre a forma e a maneira com que técnicos de futebol realizam a leitura ou interpretação técnico-tática do jogo e, também, sobre como planejam e orientam seu trabalho em virtude da sua forma de perceber o jogo. Os dados serão registrados e analisados à monografia obrigatória para a conclusão do curso de graduação em Educação Física no Centro de Desportos/UFSC e as identidades de todos os entrevistados serão mantidas em sigilo. Se houver interesse, lhe enviaremos a pesquisa completa após a sua conclusão. Agradeço desde já pela sua atenção e disposição pra responder as perguntas!

Carlos Eduardo Patrício  
[cdspatricao@hotmail.com](mailto:cdspatricao@hotmail.com)  
(48) 9135-1615

Sobre o sistema de jogo:

1) Que critérios você adota para escolher o sistema de jogo utilizado por sua equipe? Cite o sistema e algumas características (vantagens/desvantagens) desse sistema.

Sobre a leitura ou interpretação do jogo:

2) Durante a partida, que aspectos técnico-táticos você considera relevante observar para se realizar uma boa leitura do jogo e, se necessário, realizar alguma alteração na equipe?

Sobre a formação técnico-tática dos jogadores:

3) Que elementos técnico-táticos você considera fundamentais para que este jogador esteja apto a ser promovido para a equipe profissional?

Sobre a forma ou método de trabalho:

4) De que forma você realiza o trabalho em função dos componentes técnico-táticos que você julga relevante para a formação dos jogadores?